

Discurso N. 27/11/81 p. 5 de Samora Machel

Damos hoje à estampa o discurso do Presidente Samora Machel no banquete de Estado oferecido ao Seu homólogo Português na noite da sua chegada a Moçambique.

Sua Excelência Senhor Presidente da República Portuguesa, General Ramalho Eanes, Senhora Dona Maria Manuela Ramalho Eanes, Minhas Senhoras, Meus Senhores,

Em nome do Povo e do Governo da República Popular de Moçambique, transmito-lhe as mais calorosas saudações de boas-vindas a si, Excelência, a sua esposa e à alta delegação que o acompanha.

Ontem, Senhor Presidente, pôde ver a alegria do nosso povo, o calor e a solidariedade com que rodeou a chegada do Presidente do Povo português. Alegria, calor e solidariedade que testemunham a amizade que sempre ligou os nossos dois povos.

Foi com emoção que vivemos os primeiros momentos da sua visita de Estado ao nosso País. Quando o avião que o transportava sobrevoava a nossa capital, sentimos todos que ele trazia a amizade e a solidariedade do Povo português, que transportava uma mensagem de igualdade, de entendimento e de paz.

Foi sob esta emoção que acolhemos na nossa Pátria moçambicana o mais alto dirigente do Povo português. É com a mesma emoção que lhe reiteramos as boas-vindas ao nosso País.

São as boas-vindas de um povo que vos acolhe, livre e soberanamente, como amigos.

A sua visita a Moçambique, Senhor Presidente, constitui um acontecimento histórico. Sabemos que o mundo inteiro tem os olhos postos nesta visita. E, como sempre acontece perante acontecimentos de tanta dimensão e significado, é grande a expectativa gerada, são muitas as interrogações que se colocam, dentro e fora dos nossos países.

Aqui, os moçambicanos interrogam-se. Em Portugal pergunta-se: como seremos recebidos? E o mundo quer saber como será construído o futuro das relações entre os nossos países.

São justas e naturais esta expectativa e estas interrogações.

Os nossos países estiveram em guerra.

Apenas sete anos são passados e há feridas ainda a cicatrizar no corpo social dos nossos dois países, feridas provocadas pela guerra.

Em Portugal, o luto ainda cobre muitas famílias, muitos pais perderam os seus filhos na guerra colonial em Moçambique. Viúvas perderam aqui os seus maridos. Noivas não chegaram a casar. Jovens não viram regressar os seus pais. Homens ficaram mutilados, no corpo e no espírito.

Em Moçambique, também a guerra colonial deixou essas marcas dolorosas.

Porque, conscientes deste passado, podemos encontrar hoje, sem complexos, sem recalamentos. Porque da nossa luta sempre esteve ausente o ódio ao Povo português. Porque o Estado português, saído do 25 de Abril, rejeitou a herança do fascismo e do colonialismo.

A guerra injusta contra o Povo moçambicano movida por um punhado de opressores, por um regime colonial-fascista provocou-nos profundas feridas — o atraso sócio-económico, a despersonalização, a desintegração, a destruição cultural, o desenraizamento do homem no espaço e no tempo. Em Portugal, o fascismo privou o Povo português da sua liberdade, procurou esmagar os seus elevados ideais de democracia e de progresso.

A PIDE lançou nas suas lúgubres masmorras os patriotas consequentes, os filhos dedicados dos nossos povos que elevavam as suas vozes de justiça, de paz e de liberdade.

Senhor Presidente,

A luta do Povo moçambicano faz parte da luta geral dos povos pela liberdade e independência, foi consequência dum processo histórico comum a toda a Humanidade.

Todas as nações nasceram da luta.

No processo de formação das nações em todos os continentes, a contradição antagónica entre os povos e a dominação estrangeira foi sempre resolvida através das guerras justas de libertação nacional. A História da formação das nações europeias foi o resultado de longas e inúmeras guerras. Foi assim que Portugal surgiu como nação, foi assim que durante séculos Portugal defendeu da Espanha a sua soberania e a sua independência.

Em cada um dos seus continentes, entre si lutaram africanos, asiáticos e americanos, pela afirmação das suas identidades culturais. Mais tarde, no desenvolvimento da expansão colonial, lutaram os povos destes continentes pela preservação da sua identidade cultural e da soberania das suas instituições. Nos séculos XVIII e XIX, pela guerra, formaram-se nas Américas nações, onde havia colónias. Mais tarde, os povos da Ásia e da África conquistaram, também na luta, as suas independências.

Este é um caminho irreversível, porque para todos os povos a liberdade não tem preço e a independência é um direito inalienável.

Quando o Povo moçambicano se ergueu em armas, este foi o objectivo e a natureza da sua luta.

Lutámos pela nossa identidade cultural, pela afirmação da nossa personalidade, pela igualdade entre os ho-

mens de todos os continentes. Fizemos a guerra para conquistar a paz, porque onde não há independência não pode haver paz.

Lutámos contra inimigos directos e bem definidos. Lutámos contra todas as formas de opressão e de dominação. Lutámos contra um sistema que nos explorava, contra um regime que nos oprimia. Lutámos pela unidade de todo o nosso povo e por isso combatemos o tribalismo, o regionalismo e o racismo.

Porque a nossa luta foi justa, porque sempre definimos correctamente o inimigo, sempre fomos aliados do Povo português. Ambos lutámos contra o mesmo inimigo que a ambos oprimia — o regime colonial-fascista.

Alcançámos a vitória, unidos pelo mesmo ideal de liberdade. A alegria irreprimível com que o Povo português saudou o 25 de Abril, o dia em que quebrou as cadeias do fascismo, foi a mesma alegria com que o nosso povo viveu quando, em 25 de Junho, quebradas as cadeias do colonial-fascismo, saudou na bandeira que se erguia o símbolo da liberdade e da independência conquistada.

Sobre um passado que permanece História, os nossos povos estão empenhados em construir um futuro rico das lições que soubemos tirar em comum, um futuro que seja a materialização das aspirações mais ardentes que portugueses e moçambicanos conjugam em uníssono: a igualdade, a amizade, a solidariedade, a cooperação e a paz.

Eis, Senhor Presidente, como pela dialéctica da História a guerra que os nossos países travaram, uniu os nossos povos. Eis a razão por que viu, desde a sua chegada ontem, à nossa capital, o sorriso das nossas crianças, a alegria consciente dos homens e mulheres, o carinho e amizade com que o nosso povo o recebe.

Vossa Excelência, Senhor Presidente, desde a tomada de posse no mais alto cargo do Estado português, foi o motor, o agente dinâmico do processo de fortalecimento das relações entre os nossos países, que agora culmina com a sua visita. A sua visão histórica, a coragem que ela manifesta mostram em si o digno representante do Povo português, em que elas são uma constante.

Esta sua vontade de estreitar relações entre os nossos povos a uma nova escala, de ultrapassar as contingências do passado para construir um presente e um futuro de harmonia, encontrou eco no actual Governo português, que compreendeu o esforço e acompanha a acção do seu Presidente da República.

Por isso saudamos o vosso Governo.

Somos dois Estados, dois países iguais e soberanos. Não medimos a grandeza das nações pela dimensão dos seus territórios, nem pela extensão das suas riquezas. Os povos são iguais no heroísmo, na inteligência, no génio e na coragem, e a História dos nossos dois povos é rica de exemplos de firmeza e consequência patriótica.

Somos dois Estados que se respeitam, nas suas opções diversas, nos seus respectivos sistemas políticos e sociais. Nas nossas conversações de hoje encontrámos convergência de ponto de vista, em relação a muitas questões fundamentais. Principalmente,

manifestámos o desejo firme de desenvolver as nossas relações na base do respeito pela soberania dos nossos Estados, da não ingerência nos assuntos internos de cada um dos nossos países, do interesse mútuo e da reciprocidade de benefícios.

Assim respondemos, Senhor Presidente, às expectativas e às interrogações que justamente se colocavam. A sua visita a Moçambique é um marco na História dos nossos dois povos, abre uma nova era nas relações entre os nossos países e Estados, contribui de forma decisiva para o fortalecimento da compreensão e da cooperação entre a República Portuguesa e a República Popular de Moçambique.

Senhor Presidente,
Excelências,

Desde a nossa independência que concedemos uma importância particular às relações de cooperação com Portugal.

Com Portugal assinámos o Primeiro Acordo de Cooperação entre Estados. O embaixador da República Portuguesa foi o primeiro embaixador dum país do Ocidente que apresentou credenciais ao Chefe de Estado moçambicano. Foi para Portugal que nomeámos o primeiro embaixador moçambicano.

As relações entre os Estados têm como alicerce fundamental a cooperação económica. É através dela que, nas suas relações, os Estados podem materializar os interesses recíprocos dos seus povos, tirando proveito mútuo dos recursos naturais e do trabalho posto em comum.

Estas relações não tiveram a sequência desejada. Houve momentos em que elas se encontravam praticamente paralisadas. Houve esperanças que não se concretizaram de imediato.

Hoje, o nosso desejo mútuo de materializar a cooperação criou as condições para um novo dinamismo nas nossas relações. No nosso país existem condições objectivas e favoráveis.

A vossa visita realiza-se precisamente no ano em que o nosso Partido FRELIMO abriu uma nova frente de luta: a luta contra o subdesenvolvimento, a luta pela libertação económica, contemplada no nosso Plano Prospectivo Indicativo, o nosso Plano da vitória da década.

O Povo moçambicano entrega-se com entusiasmo à materialização do objectivo que nos fixámos: vencer o subdesenvolvimento nesta década. O nosso povo está consciente da dimensão das tarefas que o levarão a erradicar a miséria, a fome, a nudez, o analfabetismo e outras sequelas do colonialismo. O nosso povo, livre e soberanamente, optou pela edificação do socialismo, única via para vencer o subdesenvolvimento.

Vamos construir um país onde as crianças cresçam felizes, bem alimentadas, vestidas e calçadas, são e saudáveis, numa sociedade sem discriminação.

O esforço de desenvolvimento da economia moçambicana impõe-nos o crescimento acelerado das nossas capacidades e o aproveitamento racional e integrado dos nossos recursos.

O nosso país é rico. A terra é generosa, fértil, irrigada pelo caudal de numerosos rios. Possuímos abundantes recursos minerais. O nosso povo tem a força da unidade e o espírito de trabalho árduo.

No entanto, a valorização dos nossos recursos exige meios científicos, tecnológicos e financeiros de que carecemos.

É entre parceiros com recursos e necessidades diferentes que se encontram equilíbrios e complementaridades indispensáveis para garantir a vantagem mútua e o interesse na cooperação.

Assim, acreditamos que, conjugando os recursos que Portugal e Moçambique possuem, podemos criar as bases de uma cooperação sólida, estável, frutuosa e rentável para ambos os países.

Senhor Presidente,
Excelência,

O nosso povo ama a Paz. Conheceu a guerra e os seus efeitos, conheceu o sofrimento e a morte.

Por isso, a preservação da paz constitui um valor intrínseco à nossa própria luta.

No seu desejo ardente de viver em paz, os povos não podem deixar de mostrar a sua preocupação face à deterioração nas relações internacionais, à ameaça constante da guerra, ao multiplicar dos focos de tensão, à corrida desenfreada aos armamentos, ao belicismo e agressividade do imperialismo, particularmente após a subida da nova administração americana.

Por isso, vemos com preocupação a instalação de bases, o aumento das frotas de guerra, o desencadear de exercícios militares, Estas são acções de intimidação que contrariam a vontade dos países ribeirinhos em fazer do Índico zona desmilitarizada e de paz.

A independência de Moçambique e Angola despertou na opinião pública e na Comunidade Internacional em geral, a consciência dos perigos que ameaçam a África Austral, por causa do regime da África do Sul, regime do «apartheid», regime racista e minoritário, que beneficia do apoio dos seus aliados ocidentais.

É este apoio que permite à África do Sul racista agredir e ocupar partes do território soberano de Angola, de ocupar ilegalmente a Namíbia e cometer actos de agressão constantes contra outros Estados da Linha da Frente.

O «apartheid» está condenado por toda a Humanidade.

O «apartheid» tem os seus dias contados.

A aplicação da resolução 435 das Nações Unidas tem de ser uma realidade. O Povo da Namíbia será livre e independente.

É com satisfação que registamos as posições que Portugal tem assumido em relação à Namíbia, no quadro dos esforços que as Nações Unidas têm desenvolvido para a independência deste território.

De igual modo, manifestamos o nosso apreço pela atitude condenatória de Portugal contra as agressões sul-africanas a Angola, Moçambique e outros Estados da Linha da Frente.

Este nosso apreço incide também na atitude tomada recentemente por Portugal para a busca de uma solução política justa sobre a questão da República Democrática de Timor-Leste. A luta do Povo Maubere, dirigido pela FRETILIN, é uma luta heróica. Ela triunfará. Ela conta com o apoio da humanidade progressista.

Saudamos igualmente os passos positivos que Portugal tem desenvolvido para que o problema do Médio Oriente encontre uma solução que vá de encontro aos justos e legítimos interesses dos Povos da zona.

A Paz e a Segurança exigem o desarmamento, o desarmamento, a autodeterminação e independência, o desenvolvimento económico e cooperação entre os povos, que são as aspirações mais nobres dos Povos do Mundo.

As constantes manifestações populares em todo o mundo e, em particular na Europa, contra o fabrico da bomba de neutrões e a instalação de mísseis nucleares em solo europeu, são uma demonstração clara e inequívoca do desejo dos povos de viver em paz e de lutar contra a eminência de uma guerra de destruição massiva da Humanidade.

O clima de guerra, insegurança e instabilidade bloqueia o Progresso.

Senhor Presidente,
Excelências,

Como Povos amantes da Paz, o Povo Português e o Povo Moçambicano abrem com a vossa visita perspectivas mais amplas para a cooperação económica, cultural e científica.

A cooperação real constrói e consolida a Paz entre os Países e promove objectivamente a igualdade entre as nações e entre os homens. Enquanto houver desigualdade na condição material entre os homens e entre as nações, não há igualdade real, nem bases sólidas para a Paz.

É neste espírito que a República Popular de Moçambique, em plena liberdade e igualdade, coopera com países de diferentes sistemas.

É neste mesmo espírito que concebemos a cooperação com Portugal.

É por isso que, no início duma nova etapa nas relações entre os nossos países, nós saudamos com emoção este encontro entre dois povos animados pela mesma vontade de entendimento e cooperação.

Por isso repetimos: São bem-vindos à República Popular de Moçambique, a esta terra africana que vos acolhe com amizade.

Peço que me acompanhem num brinde,

A saúde de Sua Excelência o Presidente da República Portuguesa, General António Ramalho Eanes e de sua esposa, Senhora Dona Maria Manuela Ramalho Eanes.

A saúde dos membros da delegação Portuguesa.

A amizade fraterna entre o Povo Português e o Povo Moçambicano.

A Cooperação entre a República Portuguesa e a República Popular de Moçambique.

A saúde de todos os presentes.

A Paz e ao Progresso dos Povos.

A LUTA CONTINUA!